

2020

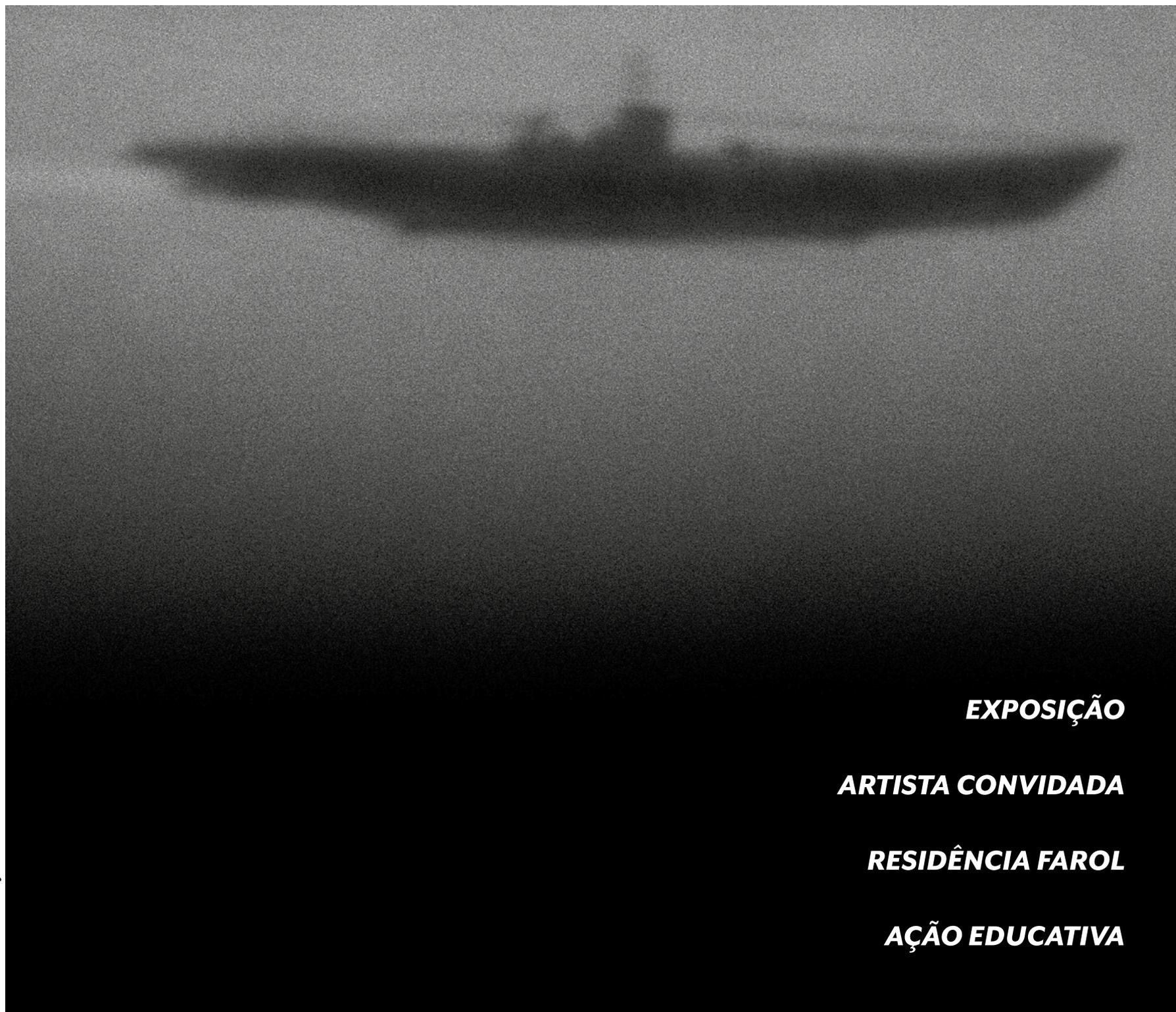
PRÊMIO
**DIÁRIO
CONTEMPORÂNEO**
DE FOTOGRAFIA

11ª EDIÇÃO

PATROCÍNIO MASTER



**VASTAS EMOÇÕES
E PENSAMENTOS
IMPERFEITOS**



EXPOSIÇÃO

ARTISTA CONVIDADA

RESIDÊNCIA FAROL

AÇÃO EDUCATIVA

VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS

A proposição temática da décima primeira edição do projeto é uma referência direta ao romance *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* do escritor brasileiro Rubem Fonseca e se coloca, portanto, como uma provocação literária aos artistas visuais, em especial àqueles que se dedicam à imagem fotográfica e seus desdobramentos materiais e linguísticos.

Por um lado, toma-se de empréstimo o impacto poético que o belo e significativo título de Fonseca é capaz de causar sobre o artista a ponto de, por meio de sua múltipla significação, lhe oferecer ferramentas possíveis para a expressão de um mundo contemporâneo que, a um só golpe, avança e recua no limite das distopias; se movimenta entre conquistas da liberdade e o fracasso das políticas; ou que “simplesmente” é arrebatado por fortes emoções que tornam por vezes os caminhos erráticos como alternativas poéticas de resistência. Por outro, tomamos alguns elementos que constituem o romance como chave para o artista no discurso de seu trabalho: um protagonista cineasta a traçar nos espaços urbanos uma busca incessante por enigmas. Uma rara pedra preciosa surgida no Carnaval carioca e um manuscrito perdido de um escritor russo desencadeiam na estória o ritmo de um thriller onde vida e sonho se misturam no labirinto da imaginação e da experiência.

O livro de Rubem Fonseca fala essencialmente das fronteiras da ficção, em que a narrativa é constantemente atravessada pela presença do cinema na vida mental do protagonista e, portanto, tornando-se uma ferramenta de deslocamento poético para a vida real. Nesse sentido, propomos aos artistas, seja pelo impacto poético do título do livro, ou por um mergulho investigativo nas nuances do romance, que se deixem tomar por estratégias diversas em que as linguagens sejam um modo lírico, ficcional de interpretar as experiências concretas.

Mariano Klautau Filho

Curador Geral

10º PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

MOSTRA VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS

MOSTRA O LAGO DO ESQUECIMENTO - Paula Sampaio, artista convidada

JORNAL DIÁRIO DO PARÁ

REDE BRASIL AMAZÔNIA DE COMUNICAÇÃO

Jader Barbalho Filho - Presidente Geral do Grupo RBA

Camilo Centeno - Diretor Geral do Grupo RBA

Ladilene Martins - Diretora Administrativo Financeira do Grupo RBA

Nilton Lobato - Diretor Comercial do Grupo RBA

Marcelle Maruska - Coordenadora de Marketing do Grupo RBA

11º DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

Mariano Klautau Filho - Curador e Coordenador Geral

Lana Machado - Produtora Executiva

Irene Almeida - Assistente de Curadoria e Produtora

Felipe Mendonça - Produtor

Debb Cabral - Assessora de Comunicação

Dairi Paixão - Coordenadora da Ação Educativa

Melissa Barbery - Projeto Gráfico e Diagramação

CURADORIA CONVIDADA

Rosely Nakagawa - *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*

Flávio Franzosi - Assistente da Curadoria Convidada e Projeto Expográfico

Lucia Chedieck - Desenho de Luz

MUSEU DO ESTADO DO PARÁ

Ursula Vidal Santiago de Mendonça – Secretária de Estado de Cultura do Pará

Armando Sampaio Sobral – Diretor do Sistema Integrado de Museus e Memoriais

Cássia Santos da Rosa - Diretora do Museu do Estado do Pará

Renata Maués - Coordenação de Conservação e Restauro

Emanuel Oliveira Jr. - Coordenação de Documentação e Pesquisa

Raimundo Calandrino - Coordenação de Educação e Extensão

Nando Lima - Coordenação de Curadoria e Montagem

EDITORIAL

Passado e presente. Uma fronteira invisível foi transposta? Não há como saber. A única certeza que temos é que, enquanto o presente nos assola de maneira inimaginável, o passado bate à porta com suas questões não resolvidas, não verbalizadas.

O ano de 2020 trouxe uma situação diferente de tudo o que já vivemos até agora. Com os artistas, isso não foi diferente. O tema desta edição partiu da literatura de Rubem Fonseca, falecido neste mesmo ano de 2020, enquanto o Brasil estava começando a vivenciar a intensidade do que é a pandemia do Coronavírus. “Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos” trouxe o convite para pensar a realidade a partir da ficção. Talvez assim ela faça mais sentido.

Em diversos trabalhos isso fica muito evidente. Os artistas criaram novas narrativas, escreveram novos finais para histórias tristes. Há entre eles o desejo em mostrar o passado, em questionar as decisões, apontar os erros e denunciar o que muitos insistem em esconder embaixo do tapete da nossa história. Passado e Presente. Ficção e Realidade. Em um Brasil marcado pela polarização, a arte aproxima, chama para o debate e não se isenta do seu papel.

Debb Cabral

SELECIONADOS E PREMIADOS 2020

MOSTRA COLETIVA
VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS
Rosely Nakagawa - curadora convidada

Anna Ortega (RS) - PRÊMIO RESIDÊNCIA ARTÍSTICA BELÉM
Suely Nascimento (PA) - PRÊMIO RESIDÊNCIA ARTÍSTICA RECIFE
Alline Nakamura (SP)
Andreev Veiga (PA)
Arthur Seabra (PA)
Beto Skeff (CE)
Cecília Urioste (PE)
Élcio Miazaki (SP)
Fernando Jorge (CE)
Hans Georg (RJ)
Henrique Montagne (PA)
Iezu Kaeru (PE)
José Diniz (RJ)
Karina Motoda (SP)
Lara Ovídio (RJ)
Melvin Quaresma (PA)
Miriam Chiara (MG)
Tetsuya Maruyama (RJ)
Vanessa Ramos Carvalho e Sérgio Carvalho (CE)
Zé Barretta (SP)

RESIDÊNCIA FAROL

Giovanna Picanço Consentini (PA)
Ícaro Moreno Ramos (MG) e Gabriela Sá (RN)
Janaina Miranda Lima Silva (DF)
Jessica Lemos (BA)
Marcílio Caldas Costa (PA)



Não há casa sem flores . Anna Ortega



Comissão de seleção da Residência Farol . Foto: Irene Almeida

A SELEÇÃO DIGITAL

11ª edição usou as ferramentas digitais para debater e selecionar os trabalhos

Em 2020, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia se reinventou mais uma vez. No decorrer dos últimos meses, com a realidade do coronavírus, foi preciso se reconfigurar. As inscrições já são realizadas online e, desta vez, a seleção dos trabalhos também foi feita assim. Os dois júris trabalharam em reuniões virtuais para definir os escolhidos entre os 414 dossiês enviados no total.

“Foi um processo diferente. Nos reunimos virtualmente, mas trabalhamos coletivamente com muito espaço para troca e para escuta do outro. Foram escolhidos projetos com poéticas e falas potentes, o que vislumbro uma residência bem interessante, efervescente”, disse a artista Keyla Sobral, integrante da comissão da Residência Farol.

“O processo de seleção para a residência foi muito intenso, mesmo a distância em função da pandemia. Keyla, Alexandre e eu olhamos todo o material antes da nossa primeira conversa quando estabelecemos alguns critérios para a escolha. A partir daí voltamos para as proposições enviadas tendo em mente o que avaliamos juntos. Chegamos a uma lista de possíveis artistas e, juntos, passamos por cada um, considerando o contexto da residência, regiões do país, representatividade e, claro, a proposta que já havíamos avaliado como relevante. Foram três dias de encontros e muitas trocas, de uma escuta atenta e sensível entre nós. Aprendi muito na leitura dos dossiês e nesse pequeno grupo que formamos”, analisou Livia Aquino que coordenará a Residência Farol em Mosqueiro.

ABRAÇOS E ENCONTROS VIRTUAIS

Rosely Nakagawa coordenou o júri como a primeira curadora convidada

“Para mim, foi uma experiência gratificante para esse período de quarentena, quando estava, de certa forma, emocionalmente desestruturada. Senti que são novas formas trabalho que chegaram para ficar. A seleção virtual ocorreu de forma tranquila, apenas sem os tradicionais abraços! Agradeço a oportunidade de conhecer trabalhos de muitos artistas”, disse a galerista Makiko Akao, que esteve na seleção dos trabalhos para a mostra Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos.

“A seleção deste ano foi muito peculiar e surpreendente. A primeira surpresa foi o número de inscritos. Por conta da pandemia eu esperava menos trabalhos. Mas o número foi uma média dos últimos prêmios. A segunda surpresa foi a qualidade dos trabalhos e a abrangência nacional dos inscritos. O processo de seleção, graças à tecnologia não foi difícil. Os arquivos dos projetos sempre são enviados por PDF e os aplicativos de comunicação permitiram e facilitaram as diversas reuniões dos curadores e

jurados. Foi peculiar a avaliação dos projetos diante da disposição e energia dos envolvidos. A pandemia e o desgoverno estiveram presentes o tempo todo nas discussões, contextualizando as nossas escolhas. Não tinha como ser indiferente”, analisou Rosely Nakagawa que este ano é curadora convidada da mostra.

“O ato de se prosseguir com a realização do prêmio este ano é um ato de resistência e de valorização da arte e dos artistas. O conjunto de trabalhos escolhidos é uma teia que reforça o papel da arte em trazer esperança ao mundo. A presença da Rosely, como primeira curadora convidada, é também mais um elemento importante e positivo. Ela é uma pessoa muito acolhedora que certamente vai conduzir isso muito bem”, finalizou o fotógrafo Luiz Braga.

A mostra Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos tem a curadoria convidada Rosely Nakagawa, profissional atuante na arte fotográfica do país e uma forte colaboradora da produção desenvolvida no Pará.



Comissão de seleção da mostra 2020: Luiz Braga (Foto: Juliany Ledo), Rosely Nakagawa (Foto: Lana Soares) e Makiko Akao (Foto: Irene Almeida)



Não há casa sem flores . Anna Ortega

ARTISTA PREMIADA

O ÚTERO, A CASA E O ABRIGO

De Porto Alegre, Anna Ortega levou o Prêmio Residência Artística Belém

A casa, para a artista, sempre foi um ambiente de acolhida. Este foi o seu cenário cotidiano. **Não há casa sem flores** é um projeto ainda em andamento no qual a artista mergulha neste lugar simbólico e espacial.

“Sempre vivi em uma casa só de mulheres. Minha mãe, vó e tia Lu foram os três úteros que me abrigaram, que me ensinaram o que sei, que me apresentaram o mundo - e ao mundo”, contou Anna. O corriqueiro, o dia a dia e o banal são os disparadores da

narrativa. “A partir da fotografia e do vídeo, encontro maneiras de acessar o universo do cotidiano e do familiar, explorando as histórias que emergem de laços profundos e íntimos. Construo - ou encontro? - imagens que revelam o lugar do afeto, do cuidado, da força e, ao mesmo tempo, das memórias, das dores e das sombras que discretamente atravessam os retratos”, acrescentou.

Anna Ortega fará a residência artística em Belém com a orientação de Alexandre Sequeira.

ARTISTA PREMIADA

O LAR QUE ALIMENTA

A paraense Suely Nascimento conquistou o Prêmio Residência Artística Recife

A família ao redor da mesa. A cena da casa trazida por Suely traz à tona a memória pessoal de quem a observa. A fotoinstalação **A casa de Marlene - A cozinha** é um fragmento da pesquisa desenvolvida pela artista para o seu doutorado.

“Um lugar de alimento e de encontros. A essência de um lar. Do toque das mãos, a mãe prepara a comida para os filhos e vai deixando o seu amor nas proteínas, nas verduras, nos legumes e nas frutas. Suas porções de afeto são degustadas pela família ao redor da mesa. E as conversas, os risos e as emoções temperam a refeição

visível e invisível. Uma vivência interna e partilhada por cada um”, refletiu Suely.

Seu cardápio de afetos traz à mesa aquilo que é essencial para nutrir corpo e alma. “Uma poética de memórias afetivas, em que se fundem fotografias, vídeos, sons ambientes, aromas, sabores e escritos”, finalizou.

Suely Nascimento fará a sua residência artística em Recife sob a orientação de Ana Lira.



A casa de Marlene - A cozinha . Suely Nascimento

ARTISTAS SELECIONADOS



À Terra Desce . Alline Nakamura

Alline Nakamura (SP)

À terra desce - Pensar como as cores de uma bandeira podem representar uma identidade, um sentimento na visão da artista, atualmente dolorido, com esperança melancólica – nas relações políticas, sociais, ambientais, culturais e afetivas. O ensaio busca compreender esses sentimentos através de paisagens relacionadas, formalmente/diretamente ou não, ao nosso símbolo nacional mais representativo. O período de registro de imagens é de 2010 a 2020. Nele a artista pôde acompanhar as desconstruções identitárias e variações dos sentidos simbólicos assumidos pela apropriação dos elementos compositivos de nossa bandeira.



Um legado que não verás nunca mais . Andreev Veiga

Andreev Veiga (PA)

Um legado que não verás nunca mais - Aqui, a fotografia se estende como páginas de um livro onde as palavras, o poema, vão reconstruindo o rosto do pai do artista. A palavra enquanto elemento subterrâneo da fotografia. Enquanto desdobramento da imagem. A imagem e a palavra formam um todo em que a memória é aquilo que movimenta a obra.



Sob a luz dos candeeiros . Arthur Seabra

Arthur Seabra (PA)

Sob a luz dos candeeiros: movimentos do sagrado - Os candeeiros precisaram ser utilizados em virtude da falta de energia elétrica ocasionada pela queda de um poste. Um cenário ancestral foi recriado pelo “acaso” parecido com aqueles do século XIX e início do XX no Brasil, quando o povo preto em diáspora praticava o culto a orixá sob essas mesmas luzes, os mesmos cânticos, danças e instrumentos musicais. Em uma noite, a fronteira da história foi transposta de maneira arrebatadora, se concretizava ali algo que até então pairava apenas na imaginação dos presentes, quase uma ficção criada.



Currais das Almas . Beto Skeff

Beto Skeff (CE)

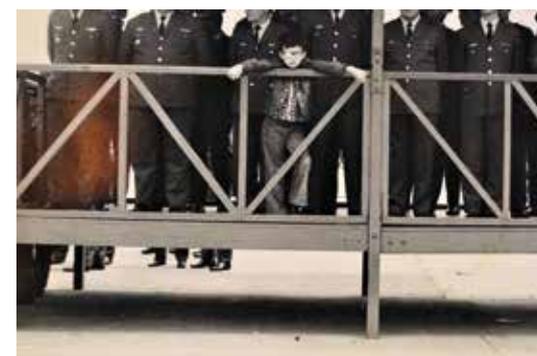
Currais das Almas - Nos anos de 1915 e 1932, duas secas extremas assolaram o sertão cearense provocando migrações em massa do interior em direção à abastada Fortaleza na busca pela sobrevivência. Temendo que grande contingente de famílias “invadissem” a Capital, o governo criou espaços chamados Currais do Governo, que se assemelhavam aos campos de concentração - no entanto, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Lá amontoavam-se os cidadãos que as autoridades denominavam de “flagelados”. Prometendo-lhes trabalho e comida, os sertanejos eram conduzidos para os miseráveis Currais à espera do tempo melhor. Estima-se que 73.000 pessoas foram confinadas sob condições extremamente precárias, o que resultou em muitas mortes.



Para Levantar as Forças . Cecilia Urioste

Cecilia Urioste (PE)

Para Levantar as Forças - O trabalho se iniciou no momento em que a artista se deparou com o diário de remédios de sua avó e, com isso, percebeu a força simbólica desse hábito. O livro começa com seu diário, iniciado em 1989, e a sua busca incessante por um diagnóstico e uma cura para sua dor. Ele evidencia sua insistência por décadas trocando de remédios, sintomas, especialistas e tratamentos e demonstra sua fé inabalável nas ciências médicas. Na obra, a artista trata de um corpo inconformado e sua tentativa de autocontrole através de medicações.



Posse . Élcio Miazaki

Élcio Miazaki (SP)

Posse - Apesar de o material ser da época em que o Brasil esteve em plena ditadura militar (há mais de 40 anos), ele gera ressignificados perante o contexto político resultante da eleição presidencial de 2018. Nessa edição do vídeo, a espiral da encadernação é visível em muitos momentos, como metáfora de uma emenda, de uma costura frágil e quebradiça, de forma a não omitir como se deu o processo de edição dessas imagens. Dependendo da escala da espiral, é possível deduzir o quanto da área de imagem não foi revelada.



Vigiar.Punir . Fernando Jorge

Fernando Jorge (CE)

Vigiar.Punir - O ensaio trata sobre os espaços em que existiram campos de concentração no estado do Ceará. Com fotografias destes locais que evocam o período em questão, feitas recentemente, pretende-se suscitar perguntas acerca da liberdade e do poder de controle do Estado. As imagens buscam rastros e pistas desses espaços. Em alguns, as estruturas mais resistentes permanecem. Na maioria, já não há vestígios; os currais de outrora dão lugar a campos de futebol, fábricas, casas, igrejas. Cercas.

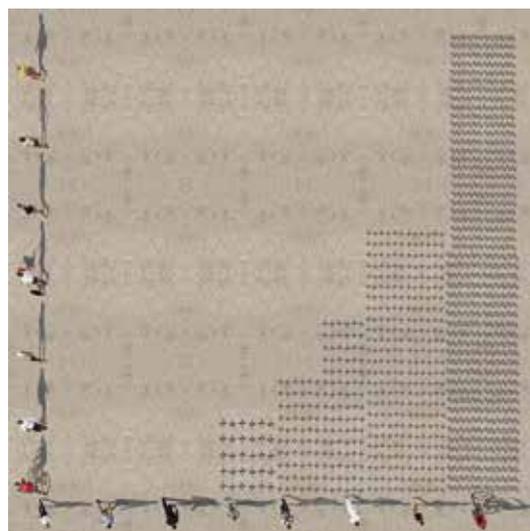


Ilustração Oficial . Hans Georg

Hans Georg (RJ)

Ilustração Oficial - A série apresenta nove imagens feitas a partir de colagens fotográficas que representam os números oficiais e a orientação da OMS para o isolamento social durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. Confinado desde o dia 12 de março, o artista registrou os personagens de sua varanda. As imagens ilustram as pessoas que, por motivos diversos, andam circulando pelas ruas.

ARTISTAS SELECIONADOS

E a revista de moda mais famosa do mundo era delas



Chamaram de "Vogue".

Um bonde chamado desejo. Henrique Montagne

Henrique Montagne (PA)

Um bonde chamado desejo - Nesta série, o artista se apropria de fotografias de casais queer de épocas distintas e significativas do começo do século XX. As imagens foram achadas na internet e nelas ele cria, através do texto, uma possível narrativa ficcional, mas que poderia ser real em mundo onde as estruturas machistas e homofóbicas do patriarcado não tivessem sido instauradas. Em um mundo onde a identidade "homem" e seus malefícios não existissem e não tivessem deixado feridas e invisibilizado outras histórias.



KAWA. Iezu Kaeru

Iezu Kaeru (PE)

KAWA - A obra retrata cotidianos imaginários e vem impregnada das tonalidades, cores e sonoridades presentes nos diversos lugares por onde o artista passou. Carrega em seu fluxo a relação simbólica existente entre os seres humanos e a natureza. Vemos pequenos relatos de um naufrago urbano, imagens sem tempo, um olhar à deriva.



O Céu Vem Abaixo. José Diniz

José Diniz (RJ)

O Céu Vem Abaixo - Na história, os submarinos desempenharam um dos papéis mais agressivos e aterrorizantes durante a primeira e segunda guerras mundiais. Pelo mundo, afundaram embarcações e fizeram milhares de vítimas civis e militares, inclusive no Brasil, onde ataques deste tipo contribuíram para mudanças no curso da nossa história. A ideia de um submarino desperta uma enorme fantasia que é potencializada pelos filmes que assistimos. O artista nunca vivenciou uma guerra, tampouco foi tripulante de um submarino, mas as histórias da embarcação alimentam o seu imaginário.



3X4. Karina Motoda

Karina Motoda (SP)

3X4 - A série é uma alusão direta às tradicionais fotografias utilizadas em documentos oficiais. No entanto, enquanto tais fotos padronizam os retratados, colocando-os na mesma posição, mostrando apenas os seus rostos e determinando a expressão que devem passar, a série parte em outro caminho. Ela busca propor questões de como nossa identidade e emoções podem ser expressas e o quanto as deixamos transparecer sem que sequer nos demos conta.



Só é possível lembrar daquilo que ainda existe. Lara Ovídio

Lara Ovídio (RJ)

Só é possível lembrar daquilo que ainda existe - São Rafael Velha foi apagada na década de 1980 pela Barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Uma enorme massa de água afundou o presente e anulou qualquer possibilidade de futuro. Ficou interrompido um povoado perdido no meio do Nordeste que nunca importou à ninguém, o povoado do pai da artista. As promessas de progresso e desenvolvimento que pagariam o trauma coletivo nunca se concretizaram. Quando os restos da cidade voltaram a aparecer em 2013, devido a um longo período de estiagem, a artista visitou a cidade com seu pai.



Diálogos familiares. Melvin Quaresma

Melvin Quaresma (PA)

Diálogos familiares - Desde que o artista e sua família se mudaram para o Sul do país, eles visitam a família paraense pelo menos uma vez ao ano e, desde 2012, Melvin fotografa a casa da avó materna em todas as viagens. Tornaram-se personagens da série suas primas e primos, que agora brincam, convivem e crescem num espaço que também foi pátio de sua própria infância.

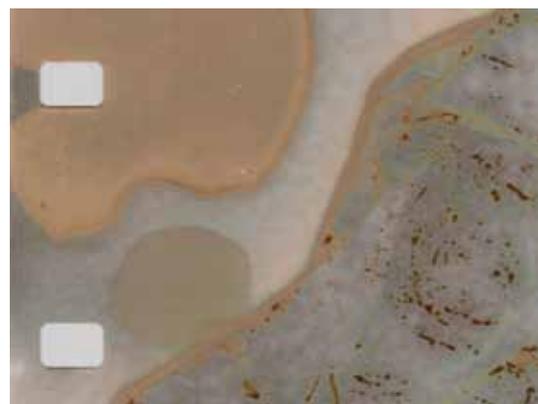
ARTISTAS SELECIONADOS



Área de Demarcação. Miriam Chiara

Miriam Chiara (MG)

Área de Demarcação - Em 2006, a artista começou uma pesquisa de campo visando uma coleção de imagens que fossem emblemas do desgaste da mensagem nos espaços públicos – marcas de passagem, discursos políticos; a comunicação destinada ao desaparecimento. Desde então vem produzindo essa série, que parece não se esgotar. Mesmo ampliando a natureza dos suportes algo de misterioso sobrevive nessas imagens.



Dead See . Tetsuya Maruyama

Tetsuya Maruyama (RJ)

Dead See - Um curta-metragem feito com plantas e flores locais durante o carnaval 2020 em Porto Príncipe, Haiti. Revelado com uma mistura de Vitamina C e Carbonato de Sódio, foi fixo em água salgada do mar por 4 dias. Após a fixação, o filme não foi lavado e a formação de sal começou a aparecer na emulsão.



Um lugar lindo de morrer.
Vanessa Ramos Carvalho e Sérgio Carvalho (CE)

Vanessa Ramos Carvalho e Sérgio Carvalho (CE)

Um lugar lindo de morrer - Na Barra Grande, numa pequena comunidade de pescadores no litoral piauiense, repousa um campo santo no alto de uma duna à beira-mar. O cemitério é um recanto poético de simplicidade e despojamento. Não há calçadas ou muro. A paisagem é uma tela de cores vivas do céu, do mar e das flores de plástico que enfeitam os túmulos onde os corpos são enterrados na areia com a cabeça voltada para o oceano como se renascessem para uma nova vida.



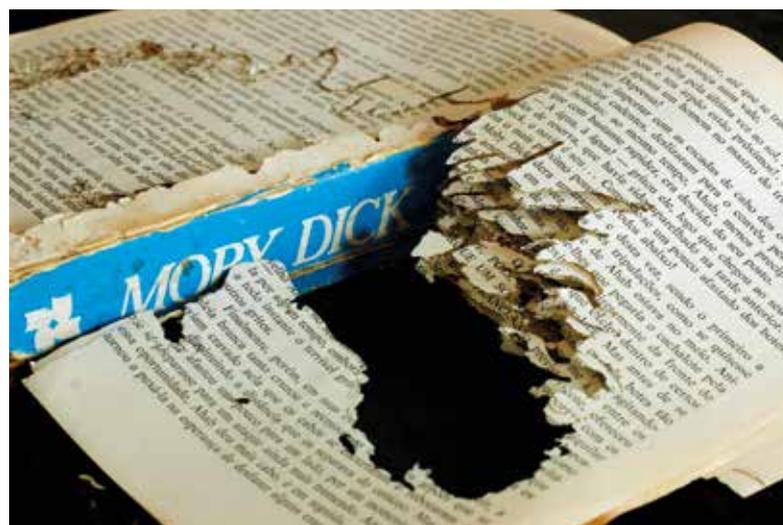
Elegia Visual. Zé Barretta

Zé Barretta (SP)

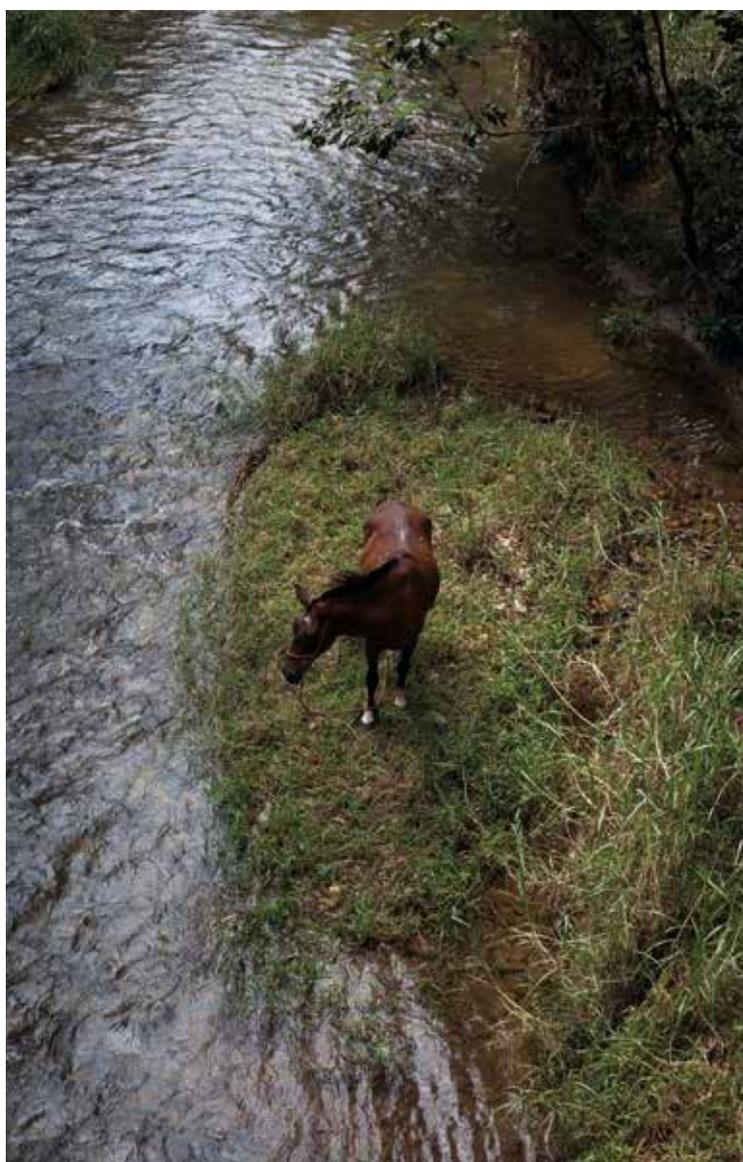
Elegia Visual - Este trabalho não é exatamente um ensaio é, antes de mais nada, um lamento. Editado a partir de trabalhos documentais que perpassam a cidade, o encontro fortuito com o outro, a tensão da relação do homem com a natureza e o abismo social naturalizado; não pretende constituir um tema propriamente dito, nem um local específico. Sua geografia é outra e está inscrita na imagem apenas e no diálogo possível entre elas.



Afogamento . Jessica Lemos



Cemitério do Infimo . Marçílio Caldas Costa



Sem título, da série Aldebarã . Janaina Miranda



Autorretrato . Ícaro Moreno Ramos e Gabriela Sá (.:grão)



Cianótipos . Giovanna Consentini

SOB A LUZ DO FAROL

5 artistas foram escolhidos para uma residência coletiva na Ilha de Mosqueiro

Giovanna Consentini nasceu em Santarém (PA) e reside atualmente em São Paulo (SP). Tem interesse em questões de gênero, direitos humanos, movimentos sociais e pautas socioambientais, além da produção audiovisual, na qual tem prática também em direção. “Meus trabalhos tem natureza multidisciplinar e se desdobram nas linguagens da fotografia, vídeo, colagem e técnicas artesanais de impressão, tendo os lugares da memória e suas narrativas como lastro”, comentou.

Ícaro Moreno Ramos é mineiro de Pedra Azul, artista, pesquisador, professor e músico. **Gabriela Sá** é nascida em Natal (RN), artista-pesquisadora, curadora, desenhista de expografia e produtora de exposições de arte contemporânea. Ambos moram em Belo Horizonte (MG). “Enquanto duo de artistas, já passamos pelo processo criativo de habitar outros lugares e, de lá, retirar/criar o insumo necessário para se pensar criticamente e poeticamente outras realidades. Agora, nos propomos a realizar um movimento outro: nos separar para criar. Com a impossibilidade de viajarmos juntos para a ilha fluvial de Mosqueiro (PA), alimentamos, então, outros planos e propósitos: fazer uma investigação onírica a partir da vivência de apenas um de nós no espaço paraense”, explicaram.

Janaína Miranda é de Brasília (DF), lugar onde vive e trabalha. Mãe, artista e pesquisadora, ela pretende aproveitar o período de residência artística na Praia do Farol para aprofundar investigações que já vem realizando. “Desejo explorar fotograficamente, a partir de relações com a natureza, a passagem da unidade à dualidade, da permanência das margens, dia e noite, experiências tão latentes no puerpério”, contou.

Jessica Lemos nasceu em Vitória da Conquista, sertão da Bahia. Trabalha com fotoperformance e suas obras falam principalmente sobre as relações políticas e sociais na vida de mulheres negras a partir da afrodíaspóra. “Há alguns anos anoto religiosamente meus sonhos e tenho usado esses escritos para criação de narrativas fotográficas, utilizando a linguagem da fotoperformance, abusando desse universo onírico para expressar sentimentos em relação a nossa realidade atual no mundo. Com isso, produzo fotografias que apresentem símbolos surrealistas, apontando narrativas do absurdo e questionando os limites de realidade e ficção na imagem”, disse.

Marcílio Costa (PA) é poeta, artista visual e autor. Ele entende a experiência da Residência Farol como um campo fértil e necessário para uma vivência com arte. “Coloca-se enquanto possibilidade para a produção de um pensamento a partir de uma experiência dentro de um território peculiar e único, capaz de mover e conduzir a máquina orgânica da linguagem por sendas e caminhos múltiplos e infundáveis. E, também, a possibilidade de uma residência, com a presença, a troca e a partilha com o outro, bem como a diversidade de olhares e percepções que isso possibilita, reafirma aquele espaço enquanto vetor da multiplicidade no campo das poéticas”, analisou.

O grupo ficará reunido em uma residência na Praia do Farol que será o atelier e hospedagem dos participantes, além de local para ações como encontros, conversas e atividades de experimentação e criação sob a orientação de Livia Aquino, artista e professora.

MEMÓRIAS E MIGRAÇÕES

Paula Sampaio é a artista convidada desta edição e exibirá a mostra O Lago do Esquecimento com curadoria de Mariano Klautau Filho.

Nascida em Belo Horizonte, Paula Sampaio migrou para a Amazônia ainda criança com a família. Formou-se em Jornalismo pela UFPA e atuou como fotojornalista por muitos anos.

Seu olhar atento registrou diversas transformações ocorridas na região, seja no dia a dia como repórter fotográfica ou em seus ensaios documentais.

Seus projetos de fotografia falam sobre as migrações na Amazônia, bem como as comunidades e vivências que são atravessadas por grandes estradas abertas na região, como as rodovias Belém-Brasília e Transamazônica.

Ocupação, colonização da região, memórias orais e patrimônio imaterial são alguns dos temas recorrentes em seu trabalho. Suas séries são reflexões sobre a natureza e a fragilidade dos seres.

“Quando comecei a conversa com a Paula, levantamos algumas ideias, mas uma das propostas que fiz foi que ela apresentasse o conjunto de imagens que constituíam o projeto ‘Lago do Esquecimento’, pois o trabalho, lançado na forma de livro em 2013, nunca havia sido apresentado em uma versão expositiva de forma mais ampla. Ela concordou e fiquei muito feliz por vários motivos: o trabalho possui um impacto visual muito impressionante e a sua plástica está toda incorporada pela densidade que foi (e é ainda) a tragédia do alagamento da área de Tucuruí para a construção da hidrelétrica. Um assunto muito atual especialmente pelo momento de perdas irreparáveis que estamos sofrendo por causa do desprezo do governo federal pela preservação da Amazônia. Será a primeira vez que a Paula poderá mostrar este trabalho em um espaço generoso como é a galeria Manoel Pastana, do MEP. Estou muito animado com essa oportunidade”, observou o curador do projeto, Mariano Klautau Filho, sobre o recorte escolhido.

Atualmente, Paula é responsável pelo Núcleo de Fotografia do Centro Cultural Sesc Ver-o-Peso e continua desenvolvendo seus projetos. No momento, dedica-se a organizar seu arquivo pessoal. Confira a entrevista com a artista convidada:

P: Você é alguém que migrou, que saiu de Belo Horizonte e veio para Belém. Seus trabalhos têm muito desse olhar sobre os trajetos, os percursos. Acredita que há uma ligação com a sua própria vivência?

R: Pois é, sou parte de uma família migrante. Quando viemos para a Amazônia nos anos de 1970, já partimos de Rio Preto/SP, só nasci em Minas. Passei a minha infância mudando de lugar. Moramos em vários municípios ao longo das rodovias Belém-Brasília (nos estados do Maranhão, Pará e Goiás) e perto de Carolina, na Transamazônica. Então, trago em mim essa vivência e também esse espírito viajante. As estradas são a minha casa.

P: Você atuou por muitos anos como repórter fotográfica. Pode falar um pouco dessa rotina? Sente falta?

R: Foram quase 30 anos de um cotidiano intenso. Fotografando praticamente todo dia, uma ação visceral, onde tive a chance de atravessar em questão de horas muitas existências, além do prazer de ver essa produção chegar na vida de milhares pessoas, - às vezes bem, e em outras mal - o que também é um grande aprendizado. Essa partilha foi um exercício incrível e eu aproveitei e me entreguei a esse ofício com muita intensidade sempre, aprendi muito e utilizo essa experiência para tudo que faço. Se sinto falta? Da prática sim, mas a forma como isso se dá cotidianamente nas redações atualmente, que foram o espaço das minhas experiências, não. Com certeza fiquei muito mais exigente. Claro que o jornal impresso me fascina, até faço os meus (risos). Criei um projeto, o ‘Folhas Impressas’, que é o reflexo da minha paixão.

P: O fotojornalismo tem uma pressa em comunicar o agora. No fotodocumentarismo o tempo é um pouco mais generoso com os projetos. É isso mesmo?

R: Muitas vezes me perguntaram isso e eu sempre respondia que sim, o tempo era um diferencial determinante. Mas hoje, ando desconfiada desse senhor “O Tempo”, ele tem revelado novas faces para mim. Então, talvez seja o espaço e a dinâmica da prática e como isso se resolve no “tempo da comunicação”, a grande questão. E também porque esses conceitos de fotojornalismo, documentarismo, vão sendo acrescidos de muitas camadas no curso da história. Deixo essa provocação e não uma resposta.

P: Seus ensaios e pesquisas falam muito sobre memória, migração, natureza e ocupação. Quanto tempo leva uma pesquisa como a da Transamazônica ou do Lago do Esquecimento?

R: Esses trabalhos todos estão na minha vida, então o tempo é a duração da minha própria existência. É curioso isso, mas de verdade não sinto que tenha terminado nada, estou sempre encontrando um novo começo dentro de cada uma dessas temáticas e também uma nasce da outra. “O Lago do Esquecimento” é um bom exemplo, é “filho” do trabalho nas estradas (Transamazônica e Belém-Brasília, que realizo desde 1990 e nunca acabei). Nasceu das minhas viagens em busca de comunidades alagadas no trecho da Transamazônica, no município de Novo Repartimento, que desapareceu com a inundação provocada pelo represamento do Rio Tocantins durante a construção da Hidrelétrica de Tucuruí. Na busca pelos atingidos pela barragem acabei encontrando outros seres, as árvores fossilizadas, que formam essa paisagem trágica e todo o mundo que vive nesse lugar inacreditável e suas histórias. E do “Lago do Esquecimento” nasceu a fotoinstalação “Árvore” e por aí vai. Então, para mim, o tempo de um trabalho é enquanto eu viver e sentir vontade de visitar esses espaços todos, reencontrar

as pessoas.... Assim, a única coisa que finalizo são as etapas, batizo com um nome e sigo com tudo no meu coração. Nesse aspecto a fotografia é uma linguagem muito generosa porque ela sempre nos oferece a possibilidade de renascimento.

P: Há muito da relação com o outro, com as pessoas e as comunidades em seus ensaios. Como que se dão essas relações?

R: Sempre foi natural. Trabalho em áreas de migração onde encontro pessoas com quem me identifico. Tem muito mineiro, baiano, maranhense, então, é como se eu estivesse frequentando a casa de conhecidos e o ambiente também. Desde criança vivo na amazônia, tudo é familiar.

P: Há também a denúncia. Qual o peso da responsabilidade em comunicar as desigualdades e ocupações que vêm acontecendo?

R: A responsabilidade é tentar tratar essas questões a partir da experiência de quem está mergulhado nelas: os protagonistas dessas histórias. Buscar meios para que eles mesmos falem sobre sua condição, por isso trabalho com relatos, memórias. Foi a forma que encontrei de tentar comunicar tudo isso de forma partilhada e com relação às imagens, elas se impõem, eu só tenho que estar disponível. Agora, nos últimos três anos tenho me dedicado a estudar e rever meu arquivo que está se perdendo, então, não estou presente na cena. Ocorre que essas temáticas que são a base do trabalho que faço estão no nosso presente, assim acabam servindo de referência para pesquisas (TCCs, teses, dissertações, livros didáticos) e outras criações como, por exemplo, o filme “O Reflexo do Lago” do Fernando Segtowick, baseado no livro “O Lago do Esquecimento” que tem tido uma ótima repercussão. E assim as responsabilidades vão sendo divididas. Aliás, o movimento fotográfico em Belém sempre teve essa característica meio híbrida e partilhada, isso é uma sorte, nunca estamos sozinhos.



O Lago do Esquecimento . Paula Sampaio



O Lago do Esquecimento . Paula Sampaio

PROPOSTA EDUCATIVA

Professoras e professores, apresentamos propostas de atividades* para serem desenvolvidas com seus alunos como parte do processo de sensibilização, reflexão, ensino e aprendizado dos alunos em visita presencial ou virtual à mostra do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia deste ano. Em um ano de grandes mudanças em nossas vidas, a arte nos atravessa e nos desloca para um espaço de novas possibilidades de criar, sentir, pensar e experimentar. Aqui fazemos o convite para que vocês, querido professor e aluno, se permitam dialogar sobre as questões reais e ficcionais que nos atravessam no exercício do olhar. As atividades são elaboradas pensando 3 eixos de ação: **a leitura de imagem, a contextualização com as vivências e a criação artística.**

Dairi Paixão, coordenadora da Ação Educativa

No primeiro momento terá a leitura da fotografia. Como podemos ler uma imagem? Dedique 5 minutos para observar com muita atenção e tenha essas perguntas em mente.

Quais as formas dessa imagem? Quais as cores?

Existem linhas? Para onde elas conduzem meu olhar?

Há pessoas? O que elas estão fazendo?

Há paisagem?

O que mais me chama atenção?

O que eu conheço? O que eu desconheço nessa imagem?

No segundo momento, vamos dialogar e compartilhar com os colegas as nossas leituras da imagem, respondendo às perguntas do exercício de observação. Em seguida, utilizamos o tabloide para mais informações sobre os trabalhos que possam contextualizar a poética de cada artista e conectar com nossas vivências e leituras da imagem.

Depois que o aluno percorrer essas etapas, iniciamos a proposta de criação artística, de modo qualificado, crítico e sensível.

**As atividades podem ser realizadas em aulas presenciais ou virtuais, seguem as indicações.*

- **Para aulas virtuais:** acessar a exposição virtual, fazer o download do tabloide, compartilhar a tela com os alunos apresentando a visita virtual e o material educativo. Para realizar algumas atividades é indicado imprimir este material.

- **Para as aulas presenciais:** acessar a exposição virtual, fazer o download do tabloide, projetar para os alunos a visita virtual e o material educativo. Para realizar algumas atividades é indicado imprimir este material.

PROPOSTA 1

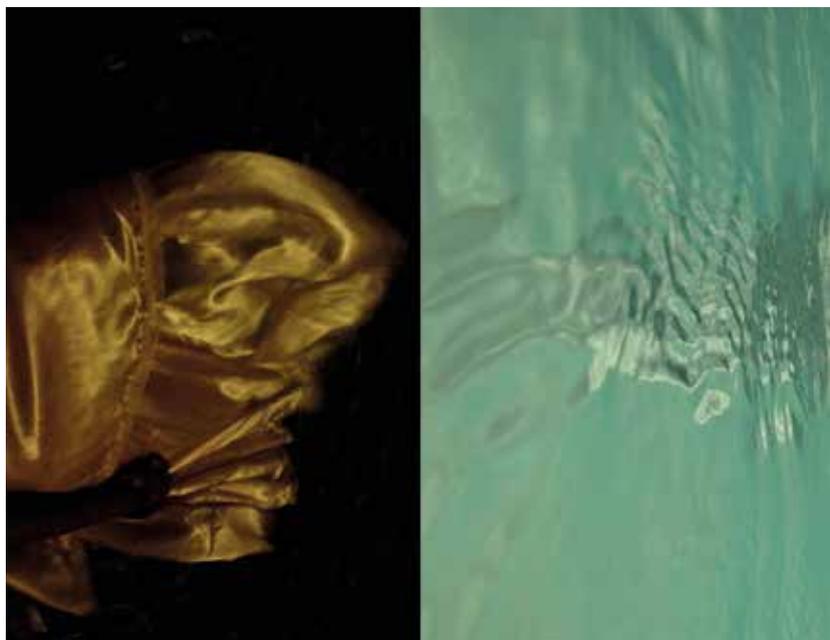
“RIOS QUE DESEMBOCAM NO MAR QUE É OUTRA PESSOA”

O artista e arte-educador lezu Kaeru nos apresenta rios de seu cotidiano imaginário, impregnados de tonalidade, cores e sonoridades em sua narrativa fotográfica. A palavra “*kawa*” título do trabalho, significa a relação simbólica entre o ser humano e a natureza, são os rios de lezu que nos atravessam. A partir da leitura das imagens e reflexões apresentadas nesse trabalho, vamos conectar nossas experiências pessoais com os rios de nossas memórias. Dialogue com a turma sobre as experiências que os alunos tiveram com rios.

ATIVIDADE PARA OS ALUNOS

- Em uma folha de papel descreva essa imagem que vem à memória, depois troque com um colega o texto.
- Leia o texto e crie uma imagem a partir dessa leitura, um desenho, uma pintura, uma colagem ou uma fotografia.
- Apresente seu trabalho a turma e dialogue sobre suas ideias e escolhas para a criação.

Material: papel, caneta, lápis, borracha, lápis de cor, tintas, pincéis, tesoura e cola.



KAWA. lezu Kaeru

PROPOSTA 2 “RECRIAR UMA CIDADE”

O trabalho “Só é possível lembrar daquilo que ainda existe” ,da artista Lara Ovídio, apresenta um conjunto de imagens que instala o horizonte fragmentado de uma cidade apagada por uma barragem. As imagens se constituem das ações de observar e apagar. Nesse processo, os restos visíveis são mínimos e a ausência também é imagem. Lara nos apresenta um olhar sobre a cidade de São Rafael que foi apagada nos 1980 pela força das águas na construção de uma barragem.

Vamos observar atentamente as obras da artista, dialogar sobre essa ideia de apagamento de uma cidade e inventar histórias sobre o que aconteceu com as pessoas, com as casas, com a natureza, com as ruas, os animais e tudo que afundou nas águas da barragem. Peça aos alunos para pesquisar sobre a construção de barragens na Amazônia também, em quais cidades elas ocorreram e quais impactos causaram na vida das pessoas e do meio ambiente.

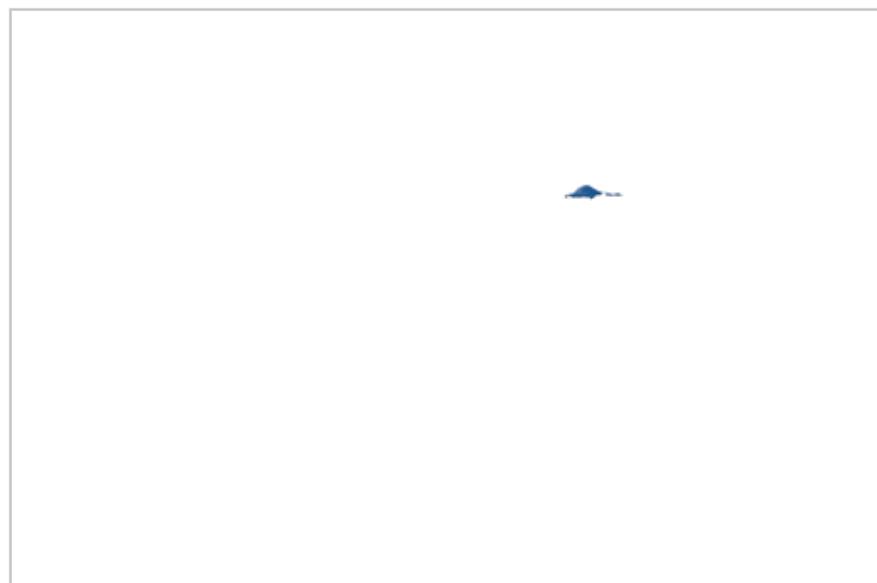
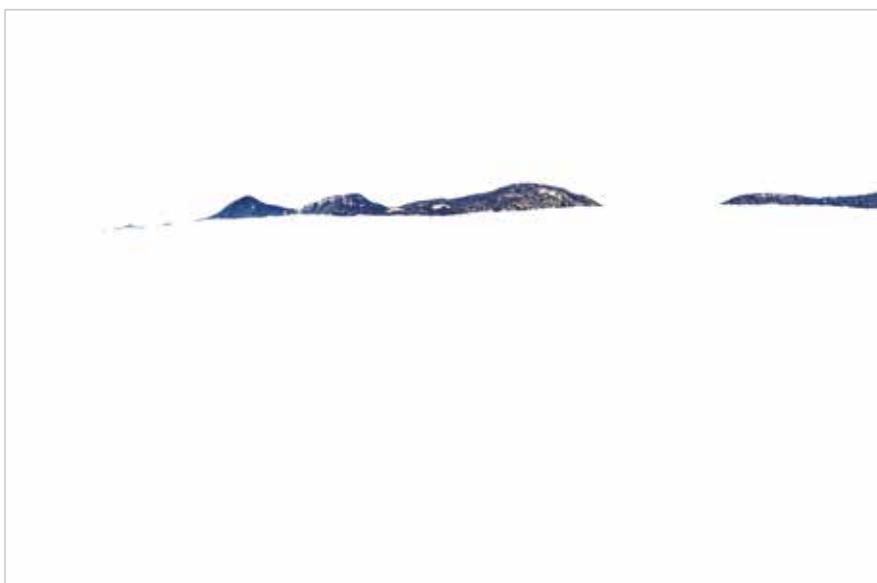
ATIVIDADE PARA OS ALUNOS

- Observe os espaços em branco no trabalho da artista, ela nos apresenta esses espaços como imagens.

- A partir desse diálogo sobre as possibilidades do que foi perdido na cidade, pegue um lápis e desenhe sobre as imagens como você imagina que seria a cidade de São Rafael.

Material: papel sulfite, lápis, lápis de cor e borracha.

Só é possível lembrar daquilo que ainda existe. Lara Ovídio



PROPOSTA 3 “CAMINHANTE-CRIADOR”

No trabalho “Imagem-Flâneur”, o artista Tetsuya Maruyama nos apresenta imagens e vídeos de seu trabalho com a técnica *Phytograma*, que utiliza químicos da própria planta para transferir imagens no filme. Junto também há o termo *Flâneur*, um substantivo francês que significa errante, caminhante ou observador com essa ideia de caminhar pela cidade encontrando matérias orgânicas que transmitem imagens desse território por onde o artista caminha.

ATIVIDADE PARA OS ALUNOS

Vamos fazer um experimento como o artista?

- Depois de observar o trabalho de Tetsuya e as imagens que surgem nesse experimento com materiais orgânicos, observe o caminho de sua casa à escola, nesse caminho há árvores? Folhas? Flores? Plantas? Quais matérias orgânicas você encontra no seu caminho? E próximo à escola?
- Caminhe com os alunos para um espaço próximo onde seja possível recolher esses materiais descritos e juntos experimentem fazer colagem no papel com esses elementos naturais.
- Construa uma paisagem que tenha um significado importante para você que represente esse território em que você está presente em casa, no caminho ou na escola.

Material: papel, matérias orgânicas, tesoura e cola.



Imagem-Flâneur . Tetsuya Maruyama

PROPOSTA 4 “MEMÓRIAS URGENTES”

Os trabalhos “Currais das Almas” e “Vigiar.Punir” dos artistas Beto Skeff e Fernando Jorge, respectivamente, nos apresentam histórias que são urgentes de serem conhecidas e lembradas. Nas imagens temos ruínas da cidade de Senador Pompeu. Nos anos de 1915 e 1932, duas secas extremas assolaram o sertão cearense provocando migrações em massa do interior em direção à abastada Fortaleza na busca pela sobrevivência. Nesse contexto o Governo da época criou espaços chamados Currais do Governo, que se assemelhavam aos campos de concentração - no entanto, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Através da ficção e criação imagética no trabalho dos artistas, acessamos uma história que não deve ser ignorada. Dialogue com os alunos sobre espaços que são esquecidos ou deixados para serem esquecidos como forma de controle do Estado, a exemplo dos “Currais das Almas”.

ATIVIDADE PARA OS ALUNOS

- Investigue em seu bairro, cidade e estado quais espaços estão esquecidos e abandonados que tenham um valor histórico importante.
- Organize uma visita até esses espaços, faça registros fotográficos e em vídeos e crie uma exposição apresentando as imagens e o contexto do espaço.

Material: caderno de anotações, celular, câmera fotográfica digital ou analógica.



Currais das Almas . Beto Skeff



Vigiar.Punir . Fernando Jorge

PROPOSTA 5 “TEMPO DA SAUDADE”

Os retratos de infância que o artista Melvin Quaresma nos apresenta no trabalho “Diálogos Familiares” nos aproximam de nossas infâncias. As narrativas contadas por ele e suas primas nos permitem experienciar esse ambiente familiar e cheio de afetos. Nesse tempo de confinamento motivado pela pandemia, nossas crianças enfrentam uma infância muito diferente e a saudade se instala como sentimento comum a todos, conectando esse tema com os dias atuais.

ATIVIDADE PARA OS ALUNOS

- Peça aos alunos que tragam fotos de sua infância
- Após observar as imagens do artista, converse com os alunos sobre a infância. Quais as lembranças? Quais as dificuldades? Quais as brincadeiras? Quem tem fotos desse momento? Qual sua maior saudade?
- Observe as lembranças comuns entre eles e qual a maior saudade desse tempo.
- Em seguida, peça que cada um escreva uma carta para a sua criança do passado presente na foto.

Material: fotografias da infância, papel, lápis, caneta.



Diálogos familiares. Melvin Quaresma

PROPOSTA 6 “REPRESENTATIVIDADE”

A artista Aline Nakamura, no trabalho “À terra desce”, nos traz uma reflexão sobre a crise de representatividade de símbolos nacionais a exemplo a bandeira do Brasil. Ela nos apresenta um ensaio fotográfico onde o seu olhar encontra esse símbolo em diversos espaços quando caminha pelas ruas, sendo marcado fortemente pelo uso das cores. Aline nos traz algumas perguntas como “O que é ser brasileiro(a)?”, “O que é ser nacionalista?” e reflexões como, por exemplo, pensar como as cores de uma bandeira podem representar uma identidade ou um sentimento.

“À terra desce” busca compreender esses sentimentos através de paisagens relacionadas, formalmente/diretamente ou não, ao nosso símbolo nacional mais representativo. Depois de observar as imagens da artista e fazer a leitura de imagem, converse com seus alunos sobre: Como eles identificam os significados da bandeira do Brasil? Qual o significado de cada cor? E das formas geométricas?



À Terra Desce . Aline Nakamura

ATIVIDADE PARA OS ALUNOS

- Separe a turma em dois grupos.
- O primeiro irá construir uma bandeira de como eles percebem o Brasil hoje, com quais imagens, símbolos representam o momento atual do país.
- O segundo irá construir uma bandeira com os símbolos que representam esse grupo. Quais imagens constituem esse Brasil utópico que representa e une o povo para o bem de todos?
- Elabore junto aos grupos: Quais as cores dessa bandeira? Quais símbolos? Quais as palavras? E o formato? Utilize uma cartolina para fazer a bandeira.

Material: cartolina, papel, tinta, pincel, lápis, revistas, tesoura e cola.



PROPOSTA 7 “CARDÁPIO DE AFETOS”

As artistas Suely Nascimento, com o trabalho “Casa de Marlene”, Anna Ortega, com “Não há casa sem flores”, abrem as portas de suas casas e compartilham conosco porções de afeto, do cotidiano e da mesa de refeições que é essência do lar e nosso ponto de encontro.

No vídeo de Anna somos levados ao mistério das gestualidades e das banalidades ditas no dia a dia - às quais, muitas vezes, parecem vir de um roteiro de novela. No trabalho de Suely temos uma vivência interna e partilhada por cada um. Quando entramos nessas casas, também abrimos a nossa casa e acessamos nossas memórias mais afetivas com o lar.

Suely nos traz algumas reflexões diante o seu trabalho são elas: o qual é o meu cardápio de afetos? O que é essencial em torno da mesa? De que estou me nutrindo? Dialogue com os alunos sobre as imagens: quais memórias elas suscitam?

Refleta com eles as questões que Suely coloca sobre o trabalho.



A casa de Marlene - A cozinha . Suely Nascimento



Não há casa sem flores . Anna Ortega

ATIVIDADE PARA OS ALUNOS

Peça aos alunos que registrem por uma semana imagens da mesa de refeições de suas casas com fotos, vídeos, áudios ou desenhos.

Construa com eles um álbum com essas imagens.

No dia de compartilhar o processo de construção criativa e as imagens registradas, retorne as perguntas aos alunos: o qual é o meu cardápio de afetos? O que é essencial em torno da mesa? De que estou me nutrindo?

Materiais: papel, lápis, borracha, celular, câmera fotografia.

MEDIDAS DE PREVENÇÃO E SEGURANÇA



**USO
OBRIGATÓRIO
DE MÁSCARA**



**HIGIENIZAÇÃO
DAS MÃOS COM
ÁLCOOL 70%**



**MEDIÇÃO DE
TEMPERATURA
NA ENTRADA**



**LIMPEZA
DOS CALÇADOS
NO TAPETE
SANITIZANTE**



**DISTANCIAMENTO
DE 2 (DOIS) METROS
ENTRE AS PESSOAS**

AGENDAMENTO DE VISITAS

As visitas devem ser agendadas pelo email:
educativopremiodiario@gmail.com

O agendamento só é válido para a data e hora escolhidas.
Por favor, esteja presente no horário agendado e confirmado.
Siga todas as medidas e orientações de saúde acima descritas.

A PREVENÇÃO ESTÁ EM NOSSAS MÃOS!

REALIZAÇÃO

Diário do Pará



RBA
REDE BRASILEIRA AMAZÔNIA DE COMUNICAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

MUSEU
UFPA



SIM
Sistema Integrado
de Museus e Memórias



COLABORAÇÃO



PATROCÍNIO



PATROCÍNIO MASTER

